

Formar para os jornalismo

SOPHIE DUBEC

IRMÉCCEN

Université Sorbonne Nouvelle

sophie.dubec@sorbonne-nouvelle.fr

ORCID: /0009-0003-6349-6875

CAMILA MOREIRA CESAR

IRMÉCCEN

Université Sorbonne Nouvelle

camila.moreira-cesar@sorbonne-nouvelle.fr

ORCID: /0000-0002-4899-8282

JAYSON HARSIN

Center for Media, Communication & Global Change

The American University of Paris

jharsin@aup.edu



mbora o jornalismo tenha sido, durante muito tempo, aprendido “na prática”, as últimas quatro décadas se caracterizaram por uma acentuada “academização” da forma como a profissão é aprendida em todo o mundo (Josephi, 2019; Garrisi, 2022). A pesquisa mais recente do *Worlds of Journalism Studies* (2021-2025) mostra que deter um diploma universitário tornou-se hoje um pré-requisito quase universal, e que dois terços dos profissionais provêm de formações universitárias especificamente dedicadas ao jornalismo. Levando em conta a diversidade de modalidades (diplomas, estágios, certificados e assim por diante), parece que, globalmente, três quartos dos jornalistas passaram por algum tipo de formação profissional (Hanitzsch *et al.*, 2025).

O MODELO ANGLO-AMERICANO NO ENSINO DO JORNALISMO

No entanto, do ponto de vista acadêmico, a formação em jornalismo permanece um objeto de pesquisa desenvolvido de forma desigual (Deuze, 2006). As revisões da literatura revelam um campo estruturado em torno de debates recorrentes sobre normas e *curricula*, completado por estudos empíricos sobre programas de formação específicos, países, competências e inovações pedagógicas (Solkin, 2022; Vukić, 2022). Um dos principais debates na literatura diz respeito à oposição

Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :

Sophie Dubec, Camila Moreira Cesar, Jayson Harsin,
« Formar para os jornalismo », *Sur le journalisme*,
About journalism, *Sobre jornalismo* [En ligne, online],
Vol 15, n°1 - 2026, 15 juin - june 15 - 15 de junho - 15
de junio.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v15.n1.2026.702>



entre teoria e prática (Josephi, 2019). Centrados no estudo dos currículos das formações em jornalismo, esta literatura examina que lugar deve ser conferido às competências práticas (necessárias para o exercício da profissão) em relação aos conhecimentos teóricos (que permitem uma abordagem reflexiva da atividade) (Deuze, 2001). No entanto, os estudiosos há muito criticam esse dualismo por ser excessivamente simplista (Reese & Cohen, 2000; Mensing, 2010; Olivera, 2025) e as discussões têm progressivamente dado lugar a uma abordagem centrada nas competências e na profissionalização (Donbash, 2014; Solkin, 2022). Agora central, essa perspectiva estrutura as três grandes abordagens do ensino do jornalismo identificadas por Solkin (2022): (1) a abordagem padrão, voltada para a profissionalização, que busca preparar os estudantes para as necessidades do setor, privilegiando a aprendizagem dos paradigmas existentes em detrimento de um distanciamento crítico em relação a eles (Frith & Meech, 2007); (2) a abordagem reformista, sensível às transformações econômicas e tecnológicas do setor, que se concentra na inovação e no empreendedorismo (Mensing & Ryfe, 2013) e frequentemente valoriza esses aspectos em vez de considerar as condições de trabalho dos jornalistas; e (3) a abordagem radical, a menos comum, que se baseia em uma reflexão crítica sobre o jornalismo que pretende reformar, transformando fundamentalmente os próprios programas de formação (Anderson, 2014).

Essas diferentes formas de conceber as formações em jornalismo (mas, sobretudo, as críticas que elas suscitam) evidenciam as questões de ordem política e ideológica que as atravessam. Para além da articulação entre teoria e prática, é sobretudo a própria definição do jornalismo que elas contribuem a produzir que está em jogo (Josephi, 2019). Os cursos de jornalismo surgem, assim, como espaços onde as normas profissionais, os ideais e os pressupostos políticos são reproduzidos ou contestados. Nesse ponto, a literatura atesta que os programas se desenvolveram tomando implicitamente como modelo um referencial jornalístico “anglo-americano” (Solkin, 2022; Josephi, 2019; Rodny-Gumede, 2018). O ensino do jornalismo, de fato, estruturou-se historicamente nos Estados Unidos (Curran, 2005) antes de se expandir pelo mundo (Josephi, 2019). Para isso, as formações basearam-se em uma “ideologia profissional dominante” que articula o jornalismo ao (1) o interesse geral, (2) à neutralidade e à objetividade, (3) à independência editorial, (4) a uma relação com a realidade baseada na factualidade e na imediatez, bem como a (5) uma ética profissional (Deuze, 2001).

Esse modelo tem sido criticado por pelo menos duas razões. Em primeiro lugar, ele tende a universalizar um modelo de jornalismo que é empiricamente redutor. Estudos comparativos sobre jornalismo têm,

de fato, destacado o quanto os papéis, as práticas e os ideais profissionais variam consideravelmente de acordo com os contextos (Hanitzsch, 2019a). Ao propor distinguir o estudo dos “papéis” daquele dos “desempenhos de papel”, Mellado e Lagos (2014) convidaram, em particular, a superar essas concepções universalizantes: a pesquisadora prevê, assim, um desfazamento entre, por um lado, o ideal do jornalismo como “cão de guarda” (reivindicado por muitos profissionais mundo afora) e, por outro lado, as práticas efetivas (que variam de acordo com o sistema político, o modelo econômico e a cultura jornalística). Essa concepção também é criticada por seu caráter ocidentocêntrico (Banda *et al.*, 2007). A adoção implícita dessa “ideologia profissional dominante” levou, de fato, a enraizar nos programas de formação uma concepção do jornalismo intimamente ligada à ideia de democracia (Rodny-Gumede, 2018). Isso teve como consequência posicionar a democracia como um ideal a ser atingido (Solkin, 2022), representando as culturas jornalísticas das sociedades em desenvolvimento ou em transição “como necessitando de ‘alcançar’ as normas e práticas valorizadas no Ocidente” (Hanitzsch, 2019b, p. 215), e também de formular recomendações inadequadas aos contextos políticos, econômicos e culturais nos quais os programas de formação estão inseridos (Rodny-Gumede, 2018). Em seu estudo sobre o programa da UNESCO destinado ao ensino de jornalismo em países em desenvolvimento e democracias emergentes, Freedman e Shafer (2010) destacam, por exemplo, o risco que pode haver em promover uma postura crítica em relação ao poder em contextos autoritários. Essa uniformização também tem repercussões nos países do Norte. Aujla-Sidhu (2022) apela, nesse sentido, à decolonização dos cursos de jornalismo no Reino Unido, com o objetivo de permitir que os estudantes compreendam e representem melhor as sociedades multiculturais (Aujla-Sidhu, 2022). Na mesma linha, vários autores defendem a “desocidentalização” dos cursos (Banda *et al.*, 2007) e propõem um ensino de jornalismo mais atento aos contextos e centrado na comunidade (Mensing, 2010; Hochheimer, 2001).

A CRISE DO MODELO OCIDENTAL DO JORNALISMO

Apesar de suas limitações, o modelo ocidentocêntrico de jornalismo continua a se impor como o paradigma profissional de referência na maior parte do mundo (Hanitzsch, 2019a). No entanto, Deuze (2001) já identificava, no início dos anos 2000, três fatores suscetíveis de fragilizar seus fundamentos: o multiculturalismo, a crise do modelo econômico da mídia e as transformações tecnológicas do setor. Contudo, longe de se atenuarem, essas dinâmicas não pararam de se acentuar desde então, reforçando as tensões às quais

o paradigma jornalístico dominante se vê confrontado hoje.

Assim, o multiculturalismo e as questões relacionadas à representação das minorias – étnicas, raciais, religiosas, sexuais, etc. – ganharam destaque no mundo contemporâneo, contribuindo para fragilizar o ideal de neutralidade e objetividade jornalística. De fato, adotar um ponto de vista “de lugar nenhum” torna-se ainda mais complexo em um contexto em que as políticas de identidade constituem um desafio importante, inclusive para a atividade jornalística. Tais debates (produzidos nos países do Norte e alimentando a narrativa de uma crise globalizada do jornalismo) são questionados por pesquisadoras e pesquisadores do Sul global. Elas e eles criticam (entre outras coisas) seu caráter ocidentalocêntrico, a insuficiente consideração das histórias, tradições e culturas locais, que, no entanto, podem moldar as práticas jornalísticas.

Embora esses autores frequentemente apontem a inadequação da norma de objetividade aos contextos que estudam (Mutsvaio *et al.*, 2021), nos países do Norte global, vários trabalhos destacam o quanto os movimentos sociais contemporâneos (por exemplo, #MeToo e #BlackLivesMatter) contribuíram para reativar a crítica à objetividade jornalística como expressão de um ponto de vista dominante (Schmidt, 2024; Beaulieu, 2024; Møller & Askanius, 2021). Os debates suscitados por essas mobilizações não deixaram de ter efeito sobre as formações em jornalismo, na medida em que questões de gênero, classe e raça permeiam tanto o ensino quanto o exercício da profissão (Azanu *et al.*, 2025; Ljungdahl, 2025). Ao mesmo tempo, vários acontecimentos da última década – como o Brexit, a eleição de Donald Trump, as campanhas de desinformação ou ainda a pandemia de Covid-19 – reavivaram a importância conferida ao jornalismo, sobretudo por meio das práticas de verificação de informações e de combate à desinformação (Quandt & Wahl-Jorgensen, 2021). Embora a objetividade jornalística continue sendo um objeto de debate no âmbito acadêmico devido à sua dimensão normativa (Mellado & Gajardo, 2026), o contexto social e geopolítico contemporâneo leva a sua redefinição: ela surge menos como um ideal de neutralidade e mais como uma abordagem transparente e reflexiva na busca pela verdade (Konieczna & Santa Maria, 2023). Neste contexto, a questão do posicionamento jornalístico continua difícil de apreender, e as práticas no âmbito das formações ligadas à norma de objetividade permanecem plurais.

No que diz respeito ao segundo fator, observa-se o enfraquecimento do modelo econômico da mídia. Essa transformação confunde progressivamente as fronteiras entre jornalismo, comunicação e entretenimento (Thussu, 2007). O crescimento do *infotainment* contribui, assim, para a substituição das notícias

de fundo por formatos mais leves, sensacionalistas ou satíricos, especialmente na cobertura política. De forma mais ampla, a emergência dos canais de notícia em tempo real insere-se em uma reconfiguração comercial dos meios de comunicação dominantes, estruturada pela concorrência, pela disputa pela audiência e pela captura da atenção (Cushion & Sambrook, 2016). Essa situação é agravada pela concentração dos meios de comunicação e pela reconfiguração de seu modelo de negócios diante do digital. Isso redefine não apenas os contornos da prática jornalística e do mercado de trabalho (atual e futuro para os estudantes), mas também as relações entre as esferas midiática e política (Hallin & Mancini, 2004; Hallin, 2020).

O caso francês constitui um exemplo particularmente esclarecedor dessa transformação e de suas consequências para a formação em jornalismo (Derhi, 2024; Devars, 2015). Desde o surgimento da LCI na década de 1990 até a expansão posterior da BFM TV, da CNews e da franceinfo, os canais de notícias em tempo real contribuíram para redefinir os ritmos, os formatos e a economia política da informação televisiva na França. No caso da CNews e, de forma mais ampla, do ecossistema midiático de Vincent Bolloré, essas mudanças são analisadas como parte de uma “batalha cultural” mais vasta, marcada por uma guinada para a extrema direita, na qual os meios de comunicação se tornam instrumentos estratégicos na luta para definir o senso comum político (Darras, 2025; Bouron, 2025; Kaciat & Klaus, 2024; Ouakrat, 2023). Essas reestruturações têm efeitos determinantes no mercado profissional do jornalismo, como atesta o recente surgimento de várias escolas de jornalismo ligadas à direita conservadora e à extrema direita¹. Tais exemplos destacam o quanto a formação dos futuros jornalistas constitui uma questão política de primeiro plano.

Por fim, um terceiro fator identificado por Deuze em 2001 diz respeito ao impacto das transformações tecnológicas na indústria midiática. Nesse sentido, a plataformização da informação acentuou ainda mais as lógicas de mercantilização do jornalismo, submetendo a profissão e seus profissionais aos imperativos da economia da visibilidade digital. Essa última impõe restrições algorítmicas e atencionais que tendem a redefinir os critérios de seleção, hierarquização e confiabilidade da informação (Fletcher & Nielsen, 2018). Nesse contexto, o rápido desenvolvimento da inteligência artificial transforma o jornalismo e suas práticas de maneira ambivalente: se essas tecnologias facilitam a automação e a análise de conteúdos, elas também acentuam a padronização da informação, a dependência tecnológica e a precarização da profissão (Dodds *et al.*, 2026; Nelson & Cohen, 2025; Beckett, 2019). Nesse contexto, a inteligência artificial surge como um desafio incontornável para os cursos de jornalismo, que precisam lidar tanto com a falta de espe-

cialização dos professores quanto com importantes questões éticas (Wenger, 2025). Essas mudanças, no entanto, continuam distribuídas de forma desigual: as taxas de adoção são mais elevadas na América do Norte e na Europa do que na África ou na América Latina, onde persistem importantes barreiras sociotécnicas relacionadas à infraestrutura, aos dados locais e à marginalização nos corpus de IA (Sonni *et al.*, 2024; Munoriyarwa, 2024). Tais disparidades alimentam os debates sobre a fratura digital e o risco de colonialismo digital entre o Norte e o Sul globais (Toussaint, 2025). A distribuição assimétrica do acesso às infraestruturas tecnológicas, bem como os efeitos que ela produz sobre os contornos da atividade, constitui uma questão fundamental indissociável da problemática das formações em jornalismo. O ensino da profissão deve, de fato, ser capaz de abordar essa questão e propor uma leitura crítica, nomeadamente questionando as relações de poder, as dependências tecnológicas e as lógicas de dominação, inclusive sob uma perspectiva decolonial (Couldry & Mejias, 2023).

UMA PROFISSÃO EM PERMANENTE ADAPTAÇÃO: UM DESAFIO PARA AS FORMAÇÕES

Esses desafios, de natureza social, econômica e tecnológica, são agravados por um ambiente internacional profundamente marcado por grandes reestruturações geopolíticas e pela intensificação dos fenômenos de polarização ideológica, os quais contribuem para pôr em causa a pretensão do jornalismo de enunciar uma “verdade” do mundo social. Nesse sentido, a pandemia da Covid-19, bem como os conflitos russo-ucraniano e israelo-palestino – para citar apenas alguns exemplos recentes particularmente marcantes –, trazem à tona as tensões estruturais que permeiam os modos contemporâneos de produção de notícias, as condições de exercício do jornalismo e os desafios de ensinar essa profissão em um contexto de instabilidade social, política e econômica marcado pelo surgimento da economia de plataformas e por uma polarização acentuada (Hameleers & Yekta, 2023; Harsin, 2015).

Este contexto se caracteriza, além disso, por uma erosão crescente da confiança dos cidadãos em instituições historicamente dotadas de autoridade epistêmica, como a escola, a Igreja ou a Universidade (Benkler *et al.*, 2018; Harsin, 2015). O discurso dos especialistas é cada vez mais contestado num ambiente marcado pela competição entre regimes de verdade. Pesquisas internacionais revelam, no entanto, que não se trata tanto de uma rejeição generalizada do conhecimento, mas sim de uma crise de confiança em relação aos intermediários encarregados de transmiti-lo e legitimá-lo – intermediários entre os quais se incluem os

jornalistas (IPSOS, 2024; Cologna *et al.*, 2025). Desse ponto de vista, o tratamento da crise climática pela mídia, tal como problematizado por Adrienne Russell (2023), surge como um caso paradigmático das tensões pelas quais passa o jornalismo contemporâneo. Os jornalistas se deparam com a necessidade de tornar inteligível um fenômeno sistêmico, global e de longo prazo, ao mesmo tempo em que atuam em um espaço público caracterizado por uma tensão persistente entre os conhecimentos científicos e suas mediações jornalísticas e políticas, as quais são, por sua vez, objeto de contestação.

Longe de serem fenômenos isolados, essas questões representam desafios para os cursos de jornalismo em um contexto marcado, acima de tudo, pela profissionalização – e que dá menos espaço (como já mencionamos) às perspectivas críticas (Solkin, 2022). Essa situação certamente não é de todo atribuível aos professores: adaptar o ensino do jornalismo a um universo profissional em constante mutação, ao mesmo tempo em que se conduz uma reflexão aprofundada sobre os desafios que reconfiguram seus contornos, pode, em muitos aspectos, parecer uma missão impossível. Parece, no entanto, necessário convidar as formações em jornalismo a permanecer atentas à dimensão ideológica e política da sua atividade e a levá-la em consideração em seus dispositivos e práticas pedagógicas.

Como, então, conceber a formação dos futuros jornalistas em um momento caracterizado por incertezas estruturais contínuas? Que iniciativas concretas estão sendo implementadas para integrar, nos *curricula* e nas práticas pedagógicas, modalidades de ensino que permitam compreender e problematizar questões que se tornaram centrais nas sociedades contemporâneas? Por fim, em que medida os cursos de jornalismo incorporam especificidades sociais, políticas e culturais locais, com o objetivo de promover um modelo de jornalismo estreitamente articulado com as realidades das sociedades nas quais está inserido? É na interseção desses questionamentos que se situa o presente dossiê especial. Sem pretender ser exaustivas, as contribuições aqui reunidas oferecem uma perspectiva contextualizada sobre um conjunto de questões consideradas particularmente relevantes.

Enraizadas predominantemente nos programas de formação europeus e anglófonos – ou por eles inspirados – que constituem o cerne do modelo profissional dominante do jornalismo, os artigos ocupam uma posição privilegiada para oferecer uma análise crítica e fundamentada desse modelo. No entanto, eles nos convidam a refletir criticamente, em filigrana, sobre as condições materiais e a legitimidade institucional das formações estudadas, cujos recursos e marcos normativos não são nem universais nem homogêneos. De

fato, as questões Sul-Norte nem sempre são abordadas nas contribuições desta edição. No entanto, os temas tratados pelos autores abrem caminho para reflexões mais amplas, contribuindo para a produção acadêmica sobre a formação em jornalismo nos países em desenvolvimento. Isso, por sua vez, permite deslocar o olhar e reconsiderar, por meio de uma lente crítica, as normas ocidentais que ainda estruturam amplamente

a definição e a transmissão da profissão. Tal exercício é indispensável para compreender o jornalismo e seus “mundos” (Pereira *et al.*, 2018) em toda a sua riqueza, em articulação com as dinâmicas históricas, sociais, políticas e culturais que os moldam.

NOTAS

¹ Ver <https://www.youtube.com/watch?v=N2x0WjgAlXE>, assim como <https://www.mediapart.fr/journal/france/240126/l-esj-paris-une-ecole-de-journalisme-qui-se-bollorise-toute-vitesse>, acesso em 19 de maio de 2026.

REFERÊNCIAS

- Anderson, C. W. (2014). The sociology of the professions and the problem of journalism education. *Radical Teacher*, 99, 62–69. <https://www.jstor.org/stable/48694424>
- Olivera, C. A. (2025). Bridging theory and practice via education: Insights from the Erasmus Mundus journalism programme. *Journalism*, 26(8), 1645–1656. <https://doi.org/10.1177/14648849241286998>
- Aujla-Sidhu, G. (2022). Decolonizing journalism education to create civic and responsible journalists in the West. *Journalism Studies*, 23(13), 1638–1653. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2022.2112208>
- Banda, F., Beukes-Amiss, C. M., Bosch, T., et al. (2007). Contextualising journalism education and training in Southern Africa. *Ecquid Novi*, 28(1–2), 156–175. <https://hdl.handle.net/10520/EJC85079>
- Azanu, B., Asafo, S. Y., Quashigah, T., Danso, S., Asante, J., & Da-Costa, C. A. (2025). Gender representation in journalism education: A systematic literature review. *Gender and Education*, 37(3), 381–401. <https://doi.org/10.1080/09540253.2025.2471287>
- Beaulieu, L. (2024). *Ce que #MeToo fait au travail journalistique: Ethnographie d'une rédaction de presse écrite nationale* [Thèse de doctorat, Université Sorbonne Paris Nord].
- Benkler, Y., Faris, R., & Roberts, H. (2018). *Network propaganda: Manipulation, disinformation, and radicalization in American politics*. Oxford University Press.
- Beckett, C. (2019). *New powers, new responsibilities: A global survey of journalism and artificial intelligence*. JournalismAI/Polis.
- Bouron, S. (2025). *Politiser la haine: La bataille culturelle de l'extrême droite identitaire*. La Dispute.
- Cologna, V., Mede, N. G., Berger, S., et al. (2025). Trust in scientists and their role in society across 68 countries. *Nature Human Behaviour*, 9, 713–730. <https://doi.org/10.1038/s41562-024-02090-5>
- Couldry, N., & Mejias, U. A. (2023). The decolonial turn in data and technology research: What is at stake and where is it heading? *Information, Communication & Society*, 26(4), 786–802. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2021.1986102>
- Curran, J. (2005). Foreword. In H. de Burgh (Ed.), *Making journalists* (pp. xi–xv). Routledge.
- Cushion, S., & Sambrook, R. (Eds.). (2016). *The future of 24-hour news: New directions, new challenges*. Peter Lang.
- Darras, É. (2025). Devenir réactionnaire pour un jour ou pour toujours? Sur l'apport des médias à la banalisation de l'extrême droite. *Savoir/Agir*, 66(1), 97–118.
- Derhi, J. (2024). Les appropriations des chaînes d'information en continu (BFM TV et CNews/I-Télé): Émergence de nouveaux usages et fragmentation des publics. *Les Enjeux de l'information et de la communication*, 24(1), 13–27. <https://lesenjeux.univ-grenoble-alpes.fr/2024/dossier/01-les-appropriations-des-chaines-dinformation-en-continu-bfmtv-et-cnews-i-tele-emergence-de-nouveaux-usages-et-fragmentation-des-publics/>
- Devars, T. (2015). *La politique en continu: Vers une « BFMisation » de la communication?* Les Petits Matins.
- Deuze, M. (2001). Educating “new” journalists: Challenges to the curriculum. *Journalism & Mass Communication Educator*, 56(1), 4–17. <https://doi.org/10.1177/107769580105600102>
- Deuze, M. (2006). Global journalism education: A conceptual approach. *Journalism Studies*, 7(1), 19–34. <https://doi.org/10.1080/14616700500450293>
- Dodds, T., Yeung, W. N., Mellado, C., & de-Lima Santos, M. (2026). On controlled change: Generative AI's impact on professional authority in journalism. *Journalism Studies*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2026.2616634>
- Donsbach, W. (2014). Journalism as the new knowledge profession and consequences for journalism education. *Journalism*, 15(6), 661–677. <https://doi.org/10.1177/1464884913491347>
- Fletcher, R., & Nielsen, R. K. (2019). Generalised scepticism: How people navigate news on social media. *Information, Communication & Society*, 22(12), 1751–1769. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2018.1450887>
- Freedman, E., & Shafer, R. (2010). Ambitious in theory but unlikely in practice: A critique of UNESCO's *Model Curricula for Journalism Education for Developing Countries and Emerging Democracies*. *Journal of Third World Studies*, 27(1), 135–153.
- Frith, S., & Meech, P. (2007). Becoming a journalist: Journalism education and journalism culture. *Journalism*, 8(2), 137–164. <https://doi.org/10.1177/1464884907078652>
- Garrisi, D., & Kuang, X. (Eds.). (2022). *Journalism pedagogy in transitional countries*. Springer Nature.
- Hallin, D. C. (2020). Comparative research, system change, and the complexity of media systems. *International Journal of Communication*, 14, 5775–5786. <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/14550>
- Hallin, D. C., & Mancini, P. (2004). *Comparing media systems: Three models of media and politics*. Cambridge University Press.
- Hameleers, M., & Yekta, N. (2023). Entering an information era of parallel truths? *Communication Research*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/00936502231189685>
- Hanitzsch, T. (2019a). Comparative journalism research. In K. Wahl-Jorgensen & T. Hanitzsch (Eds.), *The handbook of journalism studies* (2nd ed., pp. 506–521). Routledge.
- Hanitzsch, T. (2019b). Journalism studies still needs to fix Western bias. *Journalism*, 20(1), 214–217. <https://doi.org/10.1177/1464884918807067>
- Hanitzsch, T., Hanusch, F., Lauerer, C., & Slavtcheva-Petkova, V. (Eds.). (2025). *Journalism under duress: Worlds of Journalism Study report (Wave 3: 2021–2025)*. WJS Center.
- Harsin, J. (2015). Regimes of posttruth, postpolitics, and attention economies. *Communication, Culture & Critique*, 8(2), 327–333. <https://doi.org/10.1111/cccr.12097>
- Hochheimer, J. L. (2001). Journalism education in Africa: From critical pedagogical theory to meaning-based practice. *Critical Arts*, 15(1–2), 97–116. <https://doi.org/10.1080/02560040185310091>
- Joseph, B. (2019). Journalism education. In K. Wahl-Jorgensen

- sen & T. Hanitzsch (Eds.), *The handbook of journalism studies* (2nd ed., pp. 55–69). Routledge.
- Kaciaf, N., & Klaus, E. (2024). Introduction du dossier: Médias, à droite toute? *Politiques de communication*, 22(1), 5–53. <https://doi.org/10.3917/pdc.022.0005>
- Konieczna, M., & Santa Maria, E. (2023). “I can’t be neutral or centrist in a debate over my own humanity”: A study of disagreements between journalists and editors, and what they tell us about objectivity. *Journalism Studies*, 24(15), 1839–1856. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2023.2247487>
- Ljungdahl, A. K. (2025). Practices of objectivity formation in journalism education. *Journalism*, 26(11), 2382–2399. <https://doi.org/10.1177/14648849241274678>
- Mellado, C., & Lagos, C. (2014). Professional roles in news content: Analyzing journalistic performance in the Chilean national press. *International Journal of Communication*, 8, 2090–2112. <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/2651>
- Mellado, C., & Gajardo, C. (2026). The importance of the human touch in journalism: Journalistic values from an audience perspective. *Journalism Practice*, 20(3), 747–764. <https://doi.org/10.1080/17512786.2024.2387668>
- Mensing, D. (2010). Realigning journalism education. In G. Josephi (Ed.), *Journalism education, training and employment* (pp. 27–44). Routledge.
- Mensing, D., & Ryfe, D. (2013). Blueprint for change: From the teaching hospital to the entrepreneurial model of journalism education. *ISOJ: The Official Research Journal of the International Symposium on Online Journalism*, 3(2), 26–44.
- Møller Hartley, J., & Askanius, T. (2021). Activist-journalism and the norm of objectivity: Role performance in the reporting of the #MeToo movement in Denmark and Sweden. *Journalism Practice*, 15(6), 860–877. <https://doi.org/10.1080/17512786.2020.1805792>
- Munoriyarwa, A. (2024). Unravelling socio-technological barriers to AI integration: A qualitative study of Southern African newsrooms. *Emerging Media*, 2(3), 474–498. <https://doi.org/10.1177/27523543241239265>
- Nelson, J. L., & Cohen, N. S. (2025). Prepared for precarity: Toward a “labor turn” in journalism education. *Journalism & Mass Communication Educator*, 80(1), 25–36. <https://doi.org/10.1177/10776958241296504>
- Ouakrat, A. (2023). Des discours de haine au cœur du débat public: La contribution des médias à la circulation des polémiques de Valeurs actuelles. *Réseaux*, 241(5), 123–161. <https://doi.org/10.3917/res.241.0123>
- Pereira, F.-H., Tredan, O., & Langonné, J. (2018). Penser les mondes du journalisme. *Hermès, La Revue*, 82(3), 99–106. <https://doi.org/10.3917/herm.082.0099>
- Quandt, T., & Wahl-Jorgensen, K. (2021). The coronavirus pandemic as a critical moment for digital journalism: Introduction to special issue. *Digital Journalism*, 9(9), 1199–1207. <https://doi.org/10.1080/21670811.2021.1996253>
- Reese, S. D., & Cohen, J. (2000). Educating for journalism: The professionalism of scholarship. *Journalism Studies*, 1(2), 213–227. <https://doi.org/10.1080/14616700050028202>
- Rodny-Gumede, Y. (2018). A teaching philosophy of journalism education in the Global South: A South African case study. *Journalism*, 19(6), 747–761. <https://doi.org/10.1177/1464884917699852>
- Russell, A. (2023). *The mediated climate: How journalists, Big Tech, and activists are vying for our future*. Columbia University Press.
- Schmidt, T. R. (2024). Challenging journalistic objectivity: How journalists of color call for a reckoning. *Journalism*, 25(3), 547–564. <https://doi.org/10.1177/14648849221142008>
- Solkin, L. (2022). Journalism education in the 21st century: A thematic analysis of the research literature. *Journalism*, 23(2), 444–460. <https://doi.org/10.1177/1464884920977678>
- Sonni, A. F., Hafied, H., Irwanto, I., & Latuheru, R. (2024). Digital newsroom transformation: A systematic review of the impact of artificial intelligence on journalistic practices, news narratives, and ethical challenges. *Journalism and Media*, 5(4), 1554–1570. <https://doi.org/10.3390/journalmedia5040097>
- Thussu, D. K. (2007). *News as entertainment: The rise of global infotainment*. Sage.
- Toussaint Nothias, T. (2025). An intellectual history of digital colonialism. *Journal of Communication*, 75(5), 385–397. <https://doi.org/10.1093/joc/jqaf003>
- Vukić, T. (2022). On the threshold of a journalism education studies terminology. *Media Literacy and Academic Research*, 5(2), 110–131.
- Wenger, D., Hossain, M. S., & Senseman, J. R. (2025). AI and the impact on journalism education. *Journalism & Mass Communication Educator*, 80(1), 97–114. <https://doi.org/10.1177/10776958241296497>